

# IDENTIDADE DE GÊNERO E TRANSFOBIA: UMA DISCUSSÃO ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

*GENDER IDENTITY AND TRANSPHOBIA: A DISCUSSION  
BEYOND THE WALLS OF THE SCHOOL*

José Simão de Oliveira Neto <sup>1</sup>  
Angelica Silva de Lima Micena <sup>2</sup>  
Wemli Hellen Lopes Ribeiro <sup>3</sup>  
Kamila Victória Luna Sousa <sup>3</sup>  
Maria Sabrina Oliveira <sup>3</sup>  
Vitória Maria Pereira da Silva <sup>3</sup>

## RESUMO:

O presente trabalho se trata de uma vivência de um projeto desenvolvido por professores(as) e estudantes da Rede Estadual de Ensino do Ceará com a finalidade de debater assuntos acerca da identidade de gênero e sexualidades, visto que, casos de LGBTfobia ainda são muito comuns dentro e fora do ambiente escolar, assim como questionamentos sobre as diversas identidades de gênero. Nesse sentido, é de grande importância que jovens estejam dispostos a aprender e a ensinar como lidar com a diversidade, sendo assim necessário estimular os estudantes a refletir, respeitar e compreender as diferentes identidades envolvidas às questões de gênero e sexualidade. A partir dessa contextualização, salienta-se a relevância da produção de intervenções como palestras, oficinas e cartazes informativos em prol da formação dos(das) discentes acerca da temática. Nesse caminho, o presente estudo tem como objetivo geral: refletir nas escolas de Ensino Médio da cidade de Brejo Santo a percepção dos(das) estudantes a respeito dos seus conhecimentos sobre as questões de gênero e sexualidade. Tendo como objetivos específicos: promover através de oficinas e palestras, discussões relacionadas a diversidade e o combate ao preconceito contra pessoas identificadas como LGBTI+, além de verificar se os(as) estudantes conhecem as terminologias usadas para referir pessoas LGBTI+ e

## ABSTRACT:

*The present work is an experience of a project developed by teachers and students of the State Education Network of Ceará with the purpose of debating issues about gender identity and sexualities, since cases of LGBTphobia are still very common inside and outside the school environment, as well as questions about the various gender identities. In this sense, it is of great importance that young people are willing to learn and teach how to deal with diversity, thus encouraging students to reflect, respect and understand the different identities involved in gender and sexuality issues. From this contextualization, the relevance of the production of interventions such as lectures, workshops and informative posters in favor of the training of students on the right theme is highlighted. In this way, the present study has as its general objective: to reflect in high schools in the city of Brejo Santo the perception of students regarding their knowledge about gender and sexuality issues. With the specific objectives: to promote, through workshops and lectures, discussions related to diversity and the fight against prejudice against people identified as LGBTI+, in addition to verifying that students know the terminology used to refer to LGBTI+ people and enable greater visibility of the struggles and resistance of this community within the school. The work shows the need to resist and confront*

1. Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Educamais (UNIMAIS). Professor de Matemática da rede estadual do Ceará.

2. Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal Vale do São Francisco (UNIVASF). Professora de Educação Física da rede estadual do Ceará.

3. Estudante do segundo ano do Ensino Médio na escola EEMTI Professor José Teles de Carvalho.

3. Estudante do segundo ano do Ensino Médio na escola EEMTI Professor José Teles de Carvalho.

3. Estudante do Segundo ano do Ensino Médio na escola EEMTI Professor José Teles de Carvalho.

3. Estudante do Segundo ano do Ensino Médio na escola EEMTI Professor José Teles de Carvalho.

possibilitar dentro da escola uma maior visibilidade das lutas e resistência dessa comunidade. O trabalho mostra a necessidade de resistirmos e confrontarmos a todo momento os preconceitos frente aos sujeitos que não se enquadram aos padrões hegemônicos estabelecidos socialmente, fortalecendo o debate para a diminuição da violência escolar. Em busca de desenvolver este projeto, foi tomada uma abordagem qualitativa. Trata-se de um relato de experiência em escolas de Ensino Médio de Tempo Integral de Brejo Santo, buscando observar, analisar e interpretar como os(as) adolescentes e adultos lidam e entendem pessoas com identidades de gênero diferentes dos padrões sociais, buscando fortalecer a quebra de estereótipos. Nesse trabalho, o protagonismo estudantil esteve fortemente presente e mostrou-se como forma de resistência. Por isso, o papel dos(as) professores(as) orientadores(as), nesse contexto, foi estritamente de orientação.

**Palavras-chave:** Escola. Transfobia. Identidade de Gênero. Sexualidades.

## 1. INTRODUÇÃO

Muito se debate, atualmente, sobre casos de discriminação e preconceito contra a comunidade LGBTI+, assim como questionamentos sobre as diversas identidades de gênero. Nesse sentido, é de grande importância que jovens estejam dispostos a aprender e a ensinar como lidar com a diversidade. É necessário, portanto, estimular os(as) estudantes a refletirem, respeitarem e compreenderem as diferentes possibilidades de existência no que concerne às questões de gênero e sexualidade.

O preconceito, em diferentes formas de discriminação, ainda se propaga nas escolas, seja por falta de informação ou pela construção da identidade dos indivíduos na sociedade. Em consequência disso, estudantes e professores coparticipantes de uma escola de Tempo Integral de Brejo Santo – CE, propuseram desenvolver atividades focadas em informar e romper com estigmas, inicialmente, com grupos de estudantes das escolas de Ensino Médio. Desse modo, a presente pesquisa parte da seguinte problemática: como podemos atenuar a desinformação no intuito de reduzir o índice de processos de discriminação atribuídos à comunidade LGBTI+, em especial aos sujeitos transgêneros, nas escolas de Tempo Integral de Brejo Santo?

Existem muitos estereótipos e comportamentos preconceituosos estruturais sobre a comunidade LGBTI+, que contribui para o aumento de atitudes discriminatórias contra a população de transgêneros. Com base nisso, dar voz, escutar e falar sobre essas questões com os (as) estudantes é viável, e necessário, dentro do espaço escolar, pois acredita-se que é nesse ambiente que se deve iniciar os processos de visibilidade às causas existentes dentro dessa comunidade.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo geral: refletir, nas escolas de Ensino Médio de Brejo Santo, a percepção dos(as) estudantes a respeito do conhecimento dos mesmos sobre as questões LGBTI+. Tendo como objetivos específicos: promover através de oficinas e palestras, discussões relacionadas a diversidade e o combate ao preconceito contra pessoas identificadas como LGBTI+, além de verificar se

*at all times the prejudices against subjects who do not fit the hegemonic standards established socially, strengthening the debate for the reduction of school violence. In order to develop this project, a qualitative approach was taken. This is an experience report in full-time high schools in Brejo Santo, seeking to observe, analyze and interpret how adolescents and adults deal with and understand people with gender identities different from social standards, seeking to strengthen the breaking of stereotypes. In this work, student protagonism was strongly present and showed itself as a form of resistance. Therefore, the role of the guiding teachers, in this context, was strictly one of guidance.*

**Keywords:** School. Transphobia. Gender Identity. Sexuality.

4. Sigla utilizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais (ABGLT) para contemplar sujeitos identificados como lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais e outros grupos aliados à comunidade.

os(as) estudantes conhecem as terminologias usadas para referir pessoas LGBTI+ e possibilitar dentro das escolas uma maior visibilidade das lutas e resistência dessa comunidade.

Entendemos a escola como um lugar de formação para além da aprendizagem de disciplinas convencionais, assim, ela pode auxiliar para a formação integral dos(as) aluno(as). Por isso, a escola precisa incorporar métodos que corroborem com o conhecimento e ajudem os discentes a se entenderem como sujeitos pertencentes de uma sociedade diversa. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), art 53: "A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1990). Desse modo, espera-se que a criança e o(a) adolescente concluam a educação básica preparados(as) para a vida em sociedade e capacitados(as) para compreender a diversidade sexual e as diferentes expressões de gênero.

Corroborando com Freire e Shor (2011, p. 90) "O processo libertador não é só um crescimento profissional. É uma transformação ao mesmo tempo social e de si mesmo, um momento no qual aprender e mudar a sociedade caminham juntos". Assim, precisa-se buscar incorporar esses temas transversais, para contribuir com o desenvolvimento humano e cidadão.

É de conhecimento geral que a transgeneridade não é "moda" e muito menos um assunto de hoje em dia. Como todas as outras expressões e comportamentos relacionados à sexualidade e ao gênero, a não aceitação desse último que foi designado no nascimento, pode promover descontentamentos e rejeição por parte da sociedade. Já que, existem uma parte em massa que está apoiada em relações afetivas do modo clássico (GREEN, 2016; WINTER *et al.*, 2016 *apud* ZERBINATI; BRUNA, 2020). Dessa forma, buscar falar sobre a existência e as consequências desses comportamentos violentos, causa esperança em um futuro acolhedor e mais humano.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Diversidade Sexual, Identidade de Gênero e Transgeneridade

Ao contrário do que ainda se acredita, a ideia da diversidade sexual e questões de gênero não é recente. Em meados da década de 1990, o pesquisador Millot (1990) já havia escrito um relato sobre um artigo no século XV, no interior da França sobre um caso de um homem trans (MOREIRA; MARCOS, 2019).

As pessoas trans não se identificam com o sexo biológico atribuído ao nascer e alguns deles(delas) procuram assistência médica para fazer tratamentos estéticos e hormonais para se adequar ao gênero no qual se identificam. Quando a identidade de gênero corresponde ao sexo biológico que foi designado ao nascer, denotamos com cisgênero. Ainda podemos destacar que o termo "Transgênero" abrange a Transexualidade (esse termo deixou de existir), travestilidade e outras expressões de identidade. (TRINDADE *et al.*, 2019).

No Código Internacional de Doenças (CID), em sua 10a. edição, o termo utilizado era "Transexualismo" (CID 10: F64.0), termo este considerado patologizante. Na 11a. edição foi adotado o termo "Incongruência de Gênero", o qual foi incluído do capítulo 17, que se refere a condições relacionadas à Saúde Sexual. Adicionalmente, caracterizou-se a incongruência de gênero em 3 diferentes CIDs, a saber: HA60: Incongruência de Gênero da adolescência ou do adulto, HA61: Incongruência de Gênero da infância e HA6Z: Incongruência de Gênero inespecífica (TRINDADE *et al.*, 2019, p. 6).

Ainda que muitos confundam identidade de gênero com orientação sexual, essas terminologias têm significados distintos. Enquanto a identidade de gênero refere-se à experiência individual sobre o gênero no qual o sujeito se identifica, a orientação sexual refere-se ao desejo sexual e como a pessoas se relaciona com outras pessoas. O uso do termo "opção sexual" não é mais atribuído pela comunidade, pois

não depende “[...] de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” por interação com o outro (BRASIL, 2011).

Entender que apenas aqueles(as) que vivenciam e conhecem suas particularidades, podem e cabem a eles(as) aceitarem ou negarem suas sexualidades. Define-se que pessoas trans não se entendem com o gênero designado ao nascer, fugindo do padrão que a sociedade impõe e esperam delas(es). Com isso, é preciso desmistificar a ideia de que existe uma “cura” para as pessoas com a orientação sexual diferente da heterossexualidade. Assim, caminharíamos mais próximos de uma sociedade democrática. (BRASIL, 2011)

Refletindo sobre essa ideia de “cura”, precisa-se mencionar que, historicamente, o termo usado em 1996 era “Transtorno de Identidade de Gênero” que, por sua vez, foi substituído por “Disforia de gênero”, pois é entendido que não se trata de um transtorno ou uma doença, mas de estado psicológico, necessitando de intervenção, acima de tudo médica (ZERBINATI; BRUNA, 2020).

Hoje em dia, usa-se o termo identidade de gênero para designar “[...] à experiência de uma pessoa com o gênero com o qual se identifica. Pessoas transgênero possuem uma identidade de gênero que é diferente do sexo designado no momento de seu nascimento.” (TRINDADE *et al*, 2019, p. 8)

Portanto, termos como “Opção Sexual” e “Transtorno de Identidade de Gênero” devem ser substituídas por Orientação Sexual e Identidade de Gênero, pois o uso errôneo desses termos podem disseminar e causar má interpretação pelas pessoas que compõe a sociedade.

## 2.2 LGBTI+s na Escola: como desconstruir o preconceito?

É bem sabido que os estudantes devem ser livres e terem acesso ao seus plenos desenvolvimentos. Segundo a constituição de 1988, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 2023). Assim, percebemos a importância de respeitar os(as) estudantes, sem discriminar a sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Termos com *viado*, *bicha*, *sapatão*, *traveco*, *mulherzinha* e entre outras formas de nomenclaturas estereotipadas ainda é comumente utilizados nos pátios, refeitórios, quadras poliesportivas, laboratórios e outros ambientes da escola. É notório que processos de discriminação ainda são práticas vivenciadas nas escolas. Além disso, em alguns casos, as agressões físicas e morais na comunidade LGBTI+ acontecem na escola. No entanto, isso é um dilema que precisa ser quebrado, pois é no espaço escolar que os(as) discentes precisam ter o acolhimento e quebrar os estereótipos (COSME, 2021).

Segundo o levantamento de dados com a participação da associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (ABGLT) sobre estudantes lgbt’s do Brasil em 2015, aponta que 62% dos(das) estudantes estavam inseguros(as) quanto à orientação sexual, 43% se sentiam inseguros(as) quanto à identidade de gênero, quase 50% ouviam comentários LGBTfóbicos e mais de 65% foram agredidos(as) verbalmente por causa da orientação sexual e pela identidade de gênero (COSME, 2021)

É provável que a palavra “aceitação” é escutada pela maioria das pessoas quando fala sobre a comunidade LGBTI+, mas não se deve pensar que é preciso aceitar o universo dessa comunidade para viver em harmonia. Desse modo, o primeiro passo para a busca de uma sociedade justa é “encarar” com naturalidade o fato dessa sociedade ser composta de uma extensa diversidade de existências (COSME, 2021).

Para tanto, alguns documentos como o Programa Federal Brasil Sem Homofobia, aprovado em 2009, Constituição Federal, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Programa Nacional de Educação apontam e possibilitam as discussões dos assuntos transversais sobre os LGBT's, envolvendo a proteção e o combate a LGBTfobia. Para isso, requer parceria das instituições de ensino e membros da comunidade, pois para desconstruir todos os estigmas que a sociedade retém é fundamental que aconteçam discussões nos estabelecimentos de ensino (VENTIMIGLIA; MENEZES, 2020).

É preciso aproximar dos(das) estudantes o conhecimento acerca das diferentes sexualidades e expressões de gênero. Além disso, devem existir políticas públicas para combater atitudes discriminatórias, não somente para o combate ao preconceito frente à comunidade LGBTI+, mas também, para diminuir a violência escolar. Assim, a aplicação de oficinas, palestras e itinerários formativos podem ser ferramentas construtivas para o combate à desinformação.

### 3. METODOLOGIA

Em busca de desenvolver este projeto, foi tomada uma abordagem qualitativa, pois, segundo Sakamoko e Silveira (2014) ela relaciona elementos da realidade buscando compreensão dos conceitos, além de coletar, descrever, analisar compreender, interpretar fatos e experiências já desenvolvidas e em desenvolvimento sem o uso de ferramentas formalizadas e estruturadas.

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o(a) pesquisador(a) vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995).

A pesquisa trata-se de um relato de experiência que aconteceu em escolas de Ensino Médio de Tempo Integral de Brejo Santo, buscando observar, analisar e interpretar como os adolescentes e adultos lidam com pessoas que declaram ter identidades de gênero diferente da totalidade, buscando fortalecer a quebra de estereótipos. Assim, por meio de oficinas, palestras e cartazes para mobilização e informativos.

### 4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para alcançar os objetivos, foram desenvolvidas oficinas e palestras nas quais buscou-se tirar as dúvidas e explicar alguns conceitos desconhecidos pelos(as) estudantes das instituições que foram selecionadas (de forma aleatória uma turma de cada escola, uma de 1º ano e outra de 3º ano). Para evitar exposições dos(das) participantes, adotaremos os nomes Flora e Medusa como nomes fictícios para designar as escolas que esse trabalho foi desenvolvido.

No momento inicial, os(as) professores(as) orientadores(as) se reuniram com os(as) discentes para estudarem o tema, a partir de dois livros: *Talvez você seja: desconstruindo a LGBTFOBIA que você nem sabe que tem* de Marcelo Cosme e *LGBTFOBIA na escola: possibilidades para o enfrentamento da violência* de Rafael Ventimiglia e Aline Beckmann Menezes. Após os encontros de estudos, os(as) estudantes tiveram a iniciativa de espalhar cartazes e cartilhas informativas pela escola e montar uma oficina com a intenção de disseminar conhecimentos sobre a temática. Na imagem 1, mostra o momento no qual colaram os cartazes na escola.

**Imagem 1 – LGBTfobia é crime!**

Fonte: Autoral.

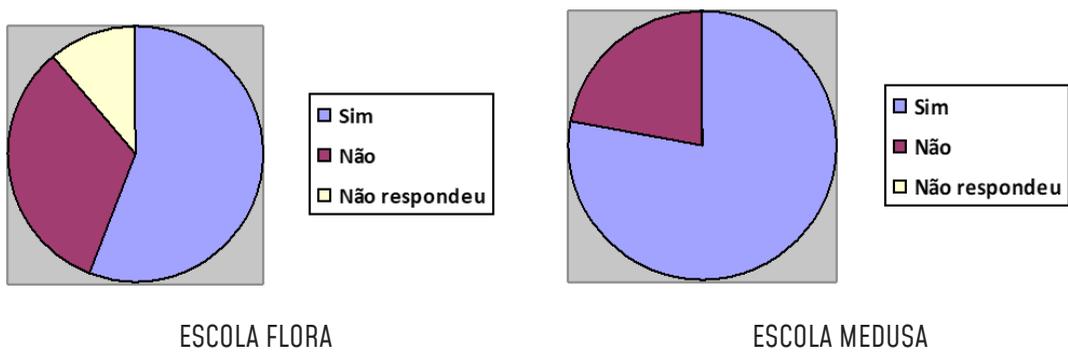
A ação seguinte foi o planejamento da oficina, os(as) estudantes estruturaram em três etapas: Diagnóstico, Debate e Discussão. Na primeira parte, eles avaliaram o nível de entendimento sobre os conceitos a respeito da comunidade LGBTI+ por meio de uma dinâmica e algumas perguntas impressas, depois houve a explanação dos conceitos e posteriormente a solicitação para que os(as) estudantes compartilhassem em um recorte de papel as dúvidas. Para finalizar, eles(as) sanaram as dúvidas de seus colegas.

**Imagem 2 – Oficina: o que é preciso saber sobre a comunidade LGBTQIAP+?**

Fonte: Autoral.

Quando os(as) discentes foram questionados, com intenção avaliativa, sobre o conhecimento do significado da letra 'T' na sigla LGBTI+, a maioria respondeu que não sabia [Imagem 3]. Nesse sentido, nota-se que as turmas não conseguiam identificar as siglas e nem o significado das letras. A partir disso, houve a confirmação da necessidade de intervenções como palestras, cartazes e oficinas.

**Imagem 3** – Vocês sabem identificar o significado da letra 'T' na sigla LGBTQIAPN+?



Fonte: Autoral.

Em ambas as escolas, foram entregues recortes de papéis para os(as) estudantes expressarem suas dúvidas quanto ao tema escolhido. Com isso, foi possível perceber que os(as) estudantes tinham dúvidas que podem ser consideradas "simples" como: *O que é cisgênero? O que é binariedade? A letra 'A' é pan? Qual o significado da letra A e o P da sigla LGBTQIAPN+? O que significa a letra 'L'?* Entende-se, portanto, que nas oficinas foi o primeiro momento em que os(as) estudantes tiveram contato com o tema, pois houve muita participação e questionamentos no momento da aplicação.

Após as oficinas nas escolas, dois representantes da comunidade LGBTI+, uma mulher trans e um homem trans, foram convidados para falarem um pouco sobre o processo de aceitação e sua relação com a família, em formato de Mesa Redonda, intitulada "Identidade de gênero e Transfobia: um diálogo além dos muros da escola" (Imagem 4). Após esse momento, o público (estudantes) do Ensino Médio tiveram a oportunidade de tirar suas dúvidas.

**Imagem 4** – M. R.: Identidade de gênero e Transfobia: um diálogo além dos muros da escola.



Fonte: Autoral.

O processo da realização desse projeto até aqui, possibilitou que boa parte dos(das) estudantes do Ensino Médio tivessem o primeiro contato com os conhecimentos acerca da diversidade. Em síntese, aprenderam a diferenciar orientação sexual e identidade de gênero, conheceram que alguns termos usados são errôneos e que devem respeitar o próximo independente de qualquer condição de existência. No entanto, ainda é notório que o preconceito está escancarado na sociedade e que sempre existirá aqueles(as) que se recusam a respeitar, pois ainda se perpetua a visão de que a identidade de gênero, bem como a sexualidade são escolhas. Assim, somente teremos uma sociedade mais inclusiva, quando todos(as) tiverem o privilégio de serem livres inerente às suas condições existenciais. Nesse aspecto, torna-se indispensável a resistência e a iniciativa de romper com paradigmas. Destacamos, nesse caminho, que esse trabalho terá continuidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, aponta-se que a maioria dos(das) jovens que participaram das intervenções tiveram a oportunidade de aprender como se referir a todos os membros da comunidade LGBTI+ e descobrir que alguns termos ainda são carregados de preconceitos. Nesse trabalho, o protagonismo estudantil esteve fortemente presente e mostrou-se como forma de RESISTÊNCIA. Por isso, o papel dos(das) professores(as) orientadores(as), nesse contexto, foi estritamente de orientação.

Diante disso, a participação dos membros da comunidade LGBTI+ deu mais significado ao trabalho realizado, pois é essencial não esquecer que mesmo sendo um tema estudado pelos protagonistas, é necessário ter o lugar de fala quando discutimos a respeito de um grupo minoritário que luta pela resistência. Portanto, os(as) autores(as) principais desse projeto sempre serão os membros da comunidade LGBTI+.

---

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. 49 p.

COSME, MARCELO. **Talvez você seja**: desconstruindo a LGBTfobia que você nem sabe que tem. São Paulo: Planeta, 2021. 208 p.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GODOY, Arilda Schmidth. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n. 3, p.20-29, Mai/Jun. 1995.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MOREIRA, E. A. S.; MARCOS, C. M. Breve percurso histórico acerca da transexualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 593-609, ago. 2019.

SAKAMOTO, C. K. SILVEIRA, I. O. **Como fazer projetos de Iniciação Científica**. São Paulo: Paulus, 2014.

TRINDADE, C. A. *et al.* Medicina Diagnóstica Inclusiva: cuidando de pacientes transgênero. A SBEM, SBPC/ML (Sociedade Brasileira de Patologia Clínica Medicina Laboratorial) e o Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico, 2019. Disponível em: <https://www.endocrino.org.br/transgenero-posicionamento-conjunto/>. Acesso em: 29 de Julho de 2023

VENTIMIGLIA, R. MENEZES, A. B. **LGBTfobia na Escola**: possibilidades para o enfrentamento da violência. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020.

ZERBINATI, J. P. & BRUNA, M. A. de T. Horizontes de compreensão acerca das transexualidades: a Psicanálise entre o olhar médico e queer. **Analytica**, São João del-Rei, v. 9, n. 17, julho/dezembro de 2020.